



A franzina estudante universitária lutava para controlar o terror enquanto procurava uma forma de fugir.

«Eles vão me matar!»

BONNIE MUNDAY

TAMBORILANDO os dedos ao ritmo da música do cassete no volante do novo Nissan de quatro portas de sua mãe, Agnes Guirindola ia cantarolando. Apesar do trânsito, que corria lento por aquela avenida que atravessava Manila, capital das Filipinas, a franzina jovem, aluna da Universidade La Salle, encontrava-se bem-disposta naquela tarde de sol, dia 12 de janeiro de 1994. Dentro de momentos, iria apresentar uma proposta oficial a uma estação de televisão para que transmitisse as finais do debate nacional interuniversitário. «Este vai ser um se-

mestre superdivertido no clube de debates», pensou, entusiasmada.

Percebendo que já estava atrasada para ir buscar a mãe no trabalho, cortou caminho por uma perpendicular, a avenida Panay. Foi então que um homem corpulento, envergando um uniforme da polícia, lhe fez sinal para encostar. «Oh, não, muita não!», resmungou Agnes ao parar.

O guarda foi até a janela do lado oposto ao motorista. «Esta rua só tem um sentido de direção», disse num tom antipático, estendendo uma pequena folha de papel e uma caneta em sua direção.

Agnes observou as linhas rabis-cadas que ele escrevera nas costas daquilo que lhe pareceu um recibo de loja. «Quer que eu o suborne», pensou. «É melhor não assinar.» Fez então apenas um sinal de visto na falsa multa e devolveu-a.

«Você terá de receber uma lição de direção do meu colega ali ao virar da esquina para lhe reavivar a memória», continuou ele. «Destranque a porta e deixe-me entrar.»

«Também posso levá-lo até o colega dele e dar-lhe 50 pesos para me deixar em paz», pensou Agnes.

Quando o homem se instalou ao seu lado, a jovem tirou-lhe as medidas: cabelo escuro encaracolado, cicatrizes de espinhas na cara, bar-riga saliente, sob a qual se via uma arma e seu coldre. Estranhamente, seu cartão de identificação estava vi-rado ao contrário.

Ela seguiu as instruções do ho-mem e deu-lhe algum dinheiro. «Boa viagem», pensou. Mas, de repente,

ele sacou a pistola e apontou para ela, desligando a ignição com a ou-tra mão. Segundos depois, outro homem entrava no carro. Acionan-do a manivela do banco de Agnes, ele o forçou a se reclinar de imedia-to. Quando o corpo dela veio para trás, os dois homens a seguraram e passaram-na para o banco de trás. «Não!», gritou a moça, tentando se libertar.

Passando a pistola para o compa-nheiro, o homem da frente saltou para o lugar do motorista. «Fique quieta que não lhe fazemos mal», sussurrou o outro seqüestrador, pres-sionando a pistola contra a coxa da moça. Enquanto isso, o carro arran-cava a alta velocidade.

Agnes soluçava, enquanto a le-vavam para Philcoa, mais a norte. Pensou então nas recentes histórias que vira nos noticiários sobre os se-qüestros e roubos de carro que as-solavam Manila. Os alvos mais co-muns eram mulheres que seguiam sozinhas em carros novos. «Esses su-jeitos só querem o carro», disse con-sigo para se dar esperanças. «Daqui a pouco me soltam.»

Foi olhando de relance para o homem a seu lado, que dizia se cha-mar Dan e era de fraca compleição, cabelos escuros e ondulados e olhos negros.

Mas foi despertada por um som agudo e repentino. Verificando a mensagem em seu aparelho de tele-mensagens eletrônico, «Dan» disse para seu cúmplice, «Eric»: «Philcoa negativo. Temos de ir com ela para onde levamos os outros, para os 'S'.»

Agnes gelou. Sabia que «S» era a abreviatura de «salvados», uma palavra-código bem conhecida, utilizada pelo exército filipino durante o período de lei marcial dos anos 70, que significava «execução».

Pensando freneticamente em formas de fugir, Agnes viu uma oportunidade quando Eric parou numa estação de serviço. Lentamente, começou a aproximar-se da porta do carro, mas Dan agarrou-a pela perna e pressionou o cano da pistola contra seu corpo. «Se você se mexer», avisou, «vai acabar se machucando *mesmo*.»

Quando o Nissan guinou na auto-estrada, dirigindo-se para sul, Agnes entrou em desespero. «O trânsito está congestionado», pensou. «Tenho de arriscar levar um tiro e saltar.»

Olhando-a de soslaio pelo retrovisor, Eric pareceu ler-lhe os pensamentos. Deslocou então o carro mais para o lado, de forma a ficar quase encostado à divisória central da estrada. Assim, Agnes não podia abrir a porta. Ela nunca se sentira tão aterrorizada e tão desamparada. «Como é que eu vou me salvar?»

A 9 KM dali, Regner Peneza estava sentado à sua secretária, contemplando a fotografia de um homem de olhos escuros e ameaçadores e cabelo ondulado. «Seja de que forma for, hei de apanhar você», prometeu a si mesmo. Juntamente com seu companheiro, Arnold Lazaro, Peneza, um agente de 33 anos do Departamento Nacional de Investigação

das Filipinas (DNI), trabalhava há 16 meses na investigação do paradeiro de uma mulher raptada quando dirigia seu carro na avenida Pannay, em setembro de 1992. O marido pagara um resgate de 300 000 pesos (cerca de 11 000 reais), mas ela nunca fora encontrada e pensava-se que fora assassinada.

Peneza, investigador de grande qualidade, ainda não conseguira resolver o rapto de 1992, mas tinha um suspeito principal. Tratava-se de Roberto Gungon, um empregado municipal mal assalariado. Sua ex-namorada, por ele enfeitada, dera ao agente a pista mais fiável de todas as que ele obtivera ao dizer-lhe que Gungon enchera os amigos de presentes caros. A jovem exigira-lhe uma explicação para aquela súbita riqueza e ele lhe respondera: «É de uma mulher que deixamos em Batangas. Não se preocupe: ela está em paz.» Ao ver a fotografia dele que ela lhe mostrara, Peneza reconheceu de imediato um homem que interrogara meses antes, já durante a investigação daquele caso.

Agora, passados quatro meses, Peneza sentiu-se invadido pela frustração ao examinar aquela foto. Gungon era provavelmente o assassino por quem ele procurava, mas era preciso arranjar provas concretas para ligá-lo ao crime. «Tenho de pegar esse cara antes que ele mate mais alguém», pensou consigo.

DEPRIMIDA, Agnes olhava para a rua pela janela do carro. Já passava das 6 da tarde, duas horas desde que fo-

ra seqüestrada. A noite caía e ela estava longe de casa. Acabara de ver um sinal dizendo Batangas. «Meus pais devem estar tão preocupados», pensou, desesperada.

Para combater o medo, recordou-se de um conselho que o pai lhe dera: «Se alguma vez você se meter em problemas, não perca a presença de espírito.»

«Tenho de pensar numa forma de sair daqui. Talvez consiga que eles tenham pena de mim.»

Abrindo despreocupadamente a carteira, tirou uma foto de Lisa, sua irmã de 18 anos. «Minha irmã está no hospital», mentiu. «Eu tinha de ir lá esta noite.»

«Cale a boca!», explodiu Eric.

Minutos mais tarde, paravam numa padaria da zona rural. «Beba isto», ordenou-lhe Eric com um grito, estendendo-lhe uma garrafa de refrigerante. À superfície, viam-se dois comprimidos, que se desfaziam. Dan enterrou-lhe o cano da pistola na perna, machucando Agnes, que então engoliu a bebida.

Depois puxou de mais dois comprimidos: «Engole!»

«Se eu tomar mais estes, poderei nunca mais acordar», pensou a moça, receosa. Escondeu-os então sob a língua e, pouco depois, cuspiu-os discretamente num lenço, enquanto fingia soluçar. Mesmo assim, não tardou a se sentir tonta e caiu num sono sem sonhos.

QUANDO começou a voltar a si, o Nissan seguia aos solavancos por uma estrada escura. Ao despertar

completamente, pediu ao motorista que parasse: «Preciso de ir a um banheiro.»

Desviando o carro, Eric parou e Agnes saiu, tropeçando na deserta estrada de terra. Seus olhos sondaram o escuro, mas nada se via. Ouviam-se grilos e rãs apenas.

Caminhando silenciosamente através dos arbustos atrás dela, Dan passou a pistola a Eric. Sem barulho, este levantou a arma até chegar a alguns centímetros da cabeça da jovem, puxando calmamente o gatilho em seguida. Ouviu-se um barulho estridente, e Agnes caiu para a frente, com o rosto na terra.

«JÁ QUE vai chegar tarde, era bom que a Agnes telefonasse», lamentou-se Elvira Guirindola, vendo televisão com Lisa. A filha mais velha não fora buscá-la no trabalho como estava combinado e, com seu marido, Francisco, fora de casa nessa noite, a Sra. Guirindola vira-se forçada a apanhar um ônibus cheio para ir para casa. Mas sua irritação transformava-se agora em preocupação. «Na certa, ela não tarda a telefonar», respondeu Lisa.

O casal Guirindola trabalhara arduamente e sacrificara-se ao longo de vários anos para poder mandar Agnes para uma boa escola, e a menina nunca os decepcionara. «Decerto se distraiu com as amigas», disse Elvira, procurando acalmar-se.

OS OLHOS de Agnes abriram-se vagarosamente. A jovem sentia-se tonta e a parte direita de seu rosto esta-

va dormente. Olhando para trás, viu Eric se afastando. «Deve ter-me batido com alguma coisa», pensou. «Graças a Deus não me matou.» Para alívio seu, o carro se afastou.

Ficando de novo em pé, com dificuldade, ela percebeu uma luz tênue a cerca de 100 m dali. «Tenho de pedir ajuda», disse para si mesma, enquanto cambaleava naquela direção. Pouco depois, deu com uma casa pequena, cuja porta abriu. Caiu desmaiada em seu interior.

Danilo Patron, pai-deiro no vilarejo de Anilao, próximo dali, saltou da cadeira assustado ao ver o sangue que escorria pelo maxilar de Agnes até o pescoço. Como não tinha telefone, correu até a casa de um vizinho, dono de um radiotransmissor. Este podia pedir auxílio.

«Por que meu rosto está tão molhado?», perguntava-se Agnes. Tocando na face direita, sentiu um buraco na pele e, do lado esquerdo, seus dedos descobriram outro buraco no pescoço. «Oh, meu Deus! O que foi que me aconteceu?» Vinte minutos depois, uma viatura da polícia parava lá fora. A caminho do hospital, Agnes rezava: «Por favor, permita que eu veja minha família outra vez!»

Já quase em pânico, Elvira e Lisa ouviram o telefone tocar por volta

das 23 horas. Correndo escada abaixo, Lisa foi atender, voltando depois com expressão preocupada. «Era do hospital de Batangas. A Agnes teve um acidente qualquer.»

Telefonou ao pai, e à meia-noite iam os três a caminho de Batangas. Ao chegarem ao hospital, ficaram chocados ao saberem que Agnes fora baleada. Entrando no quarto dela, Elvira e Lisa começaram a chorar ao verem seu rosto tumefato e manchado de sangue, envolto em ataduras. Pegando a mão da filha, Francisco lhe disse calmamente: «Agora você está em segurança.»

No corredor, o médico comentou com os Guirindola que Agnes tivera muita sorte: a bala não atingi-

ra a jugular. «As chances de se sobre-viver a um tiro na cabeça são uma num milhão», disse ele. «Ela deve ter virado ligeiramente a cabeça no momento do disparo. Vocês têm uma filha muito forte.»

«**Q**UERIA falar comigo?», perguntou Regner Peneza a um colega no quartel-general do DNI. Era 17 de janeiro, cinco dias depois do rapto de Agnes.

«Deram-me um caso que apresenta enormes semelhanças com o seqüestro que você está investigando», respondeu o agente. E contou a Pe-



Agnes Guirindola.

neza que a vítima, Agnes Guirindola, fora raptada por dois homens na avenida Panay, que a levaram para Batangas, e ali a abandonaram julgando-a morta.

Compararam então a foto de Roberto Gungon que Peneza tinha com o esboço realizado a partir da descrição de «Dan» feita por Agnes. A aparência não oferecia dúvidas. «É ele!», percebeu Peneza.

JÁ EM Manila, os médicos examinaram as lesões de Agnes. Os fragmentos de osso que tinha na zona do maxilar teriam de ser retirados, e a garganta fora afetada. Milagrosamente, porém, a bala não tinha atingido os principais nervos faciais. Agnes podia contar com uma recuperação física total, embora fosse frequentemente assolada por pesadelos. «Se você não tivesse escondido aqueles dois sedativos», disse-lhe o médico, sorrindo, «poderia ter ficado deitada, inconsciente, e sufocado em seu próprio sangue. Sua coragem a salvou.»

A má notícia era que as esperanças de captura de seus seqüestradores eram reduzidas. Agnes recebeu a visita de muitos agentes da polícia, mas nenhum deles lhe trouxe notícias de quaisquer avanços.

Foi então que, ao sétimo dia, um homem de aspecto jovem e olhos sorridentes entrou em seu quarto. Apresentando-se a Agnes, Regner Peneza perguntou-lhe se podia dar uma olhada em algumas fotografias. «Mesmo que o reconheça», disse Peneza para si próprio, ao ver os

olhos castanhos da jovem moverem-se céticos de uma fotografia para a outra, «pode ter medo e fingir que não sabe quem é.» Mas de súbito Agnes sobressaltou-se: «É ele! É o sujeito do banco de trás!»

«Identificação afirmativa!» Peneza estava radiante. «Srta. Guirindola», afirmou, «prometo trazer-lhe o Roberto Gungon.»

PENEZA e Lazaro descobriram qual o último emprego conhecido de Gungon: trabalhara para o metrô de Manila, onde não era visto desde dezembro. As pistas levaram-nos à sua nova namorada, que também havia sumido, e à mãe desta.

«Quando partiram, disseram que talvez fossem para sul, para Davao», disse-lhes a senhora, já na casa dos 60, «e acabam de me mandar esta mensagem.» Mostrou-lhes então um aparelho de telemensagens, em cuja tela se lia: «Estamos numa boa, seguros e bem.»

Peneza sabia que o trajeto para Davao implicava uma travessia de *ferryboat* até Leyte. Solicitou por isso ao informante do DNI local que estivesse atento ao carro de Gungon, o qual, dias depois, foi avistado. Parecia agora certo que ele se dirigia de fato para Davao.

Peneza cursara o ensino secundário em Davao e conhecia bem aquela cidade espraiada da ilha de Mindanao. Era essa a oportunidade por que esperava.

NO BAIRRO onde vivera, veio a saber, através de um conhecido, da existên-

cia de alguém que, ao que parecia, era parente afastada da namorada de Gungon. Os agentes não tardaram a descobrir o esconderijo do criminoso.

Parando o carro em frente de sua casa, Peneza e Lazaro viram um homem acorado junto a uma cerca, munido de martelo. «É ele!», exclamou Lazaro.

«Vamos lá», respondeu Peneza. Saindo da viatura, aproximaram-se dele, sacando suas armas.

Gungon, preparando-se para mais uma martelada, deteve-se com o martelo a meio caminho. Seu rosto empalideceu.

«Ponha o martelo no chão e não se mova», ordenou Lazaro, enquanto o encostavam a um carro. «Está preso pela tentativa de assassinato de Agnes Guirindola», comunicou Peneza, algemando-o.

PENEZA levou Gungon até Agnes, tal como prometera. Contendo o medo, a jovem identificou-o. Enquanto o DNI emitia um mandado de captura contra Venancio Roxas («o Eric»), que Agnes também identificara a partir de fotografias, Roberto Gungon era acusado de seqüestro, tentativa de assassinato, roubo de carro e assalto. Certo dia, durante a audiência, o juiz Lucas Bersamin chamou Agnes. «Srta. Guirindola», disse, «vê algum de seus seqüestradores nesta sala?»

Com bastante receio de olhar na direção de Gungon, Agnes olhou para o chão, respondendo rapidamente: «Sim.»

«Por favor, aproxime-se do acusado e toque-lhe no ombro perante este tribunal.»

Rapidamente, Agnes foi até Gungon, estendeu a mão e tocou-lhe no ombro, retirando-se depois para o banco das testemunhas, onde relatou detalhadamente o sucedido ao tribunal.

No dia 15 de fevereiro de 1995, a sala de audiências encontrava-se repleta, com mais de 100 pessoas. Quando Gungon foi levado mais uma vez ao banco dos réus, Francisco Guirindola apertou a mão da filha. O juiz começou a ler a sentença: «Roberto Gungon é considerado culpado e será punido com a morte.» A multidão irrompeu em aplausos, enquanto o malfeitor, cujo rosto assumira um tom cinza, era levado. Envolvendo a sua querida filha num forte abraço, Francisco sussurrou-lhe: «Você conseguiu!» Como resposta, Agnes apenas conseguiu sorrir, com lágrimas a lhe escorrerem pelo rosto.

Venancio Roxas foi capturado em Batangas em 11 de setembro de 1995; atualmente, encontra-se aguardando julgamento em Manila. Gungon ainda se encontra na câmara da morte, uma vez que apelou da sentença. Totalmente recomposta, Agnes formou-se pela Universidade La Salle no ano passado, tendo passado nos exames de especialização em engenharia civil. Nos tempos livres, conta fazer trabalhos em regime de voluntariado para o grupo Cruzada Contra a Violência.

